

Poemas Proibidos

Alves Rosa

Poemas Proibidos

Alves Rosa



2012

P ara meu pai,

Poeta que também me fez poeta,

Neste mundo um tanto sombrio,

O poeta é a lanterna na escuridão,

Se não, a própria escuridão.

Prefácio

A POESIA DE *POEMAS PROIBIDOS*

*O amor tem favos e tem caldos quentes
E ao mesmo tempo que faz bem faz mal
O coração do poeta é um hospital
Onde morrem todos os doentes.*

Augusto dos Anjos

Poesia de hospital. O termo de Goethe, sem dúvida, é válido para os *Poemas Proibidos*. Poesia de hospital, por tudo que esses poemas evocam: amor, virgens, tristeza, prostituição. Sem esquecer, obviamente, a doença, e por isso então, um branco de assepsia a macular as impurezas do coração, ainda que para isso seja preciso o poeta findar a vida quando não ainda satisfeito com a fantasia. Sim, porque de sonhos inacessíveis e morte é que se faz a poesia romântica de Alves Rosa. Horas há, é claro, em que a mão dândi alcança as ancas da branca mulher, mas essa já não é mais a mulher que se deseja. Ora, a mulher que se deseja, a partir de agora, já é outra! Forte razão tem Schopenhauer quando deixou claro que o homem (o macho!) preza pela variedade. Qualquer mulher é a Mulher. Daí o sofrimento do poeta, pois que, na cachola das mulheres, nem todo homem é o Homem. No entanto, tudo isso não significa dizer que o eu-lírico de Alves Rosa é um folgado, um abusador dos pudores femininos. O seu mundo é, definitivamente, a Mulher. Basta fazer a leitura do último quarteto de *Desejo*, e tudo se ficará muito nítido:

*Quando toco tuas ancas ligeiras,
Nada no mundo me parece dissabor*

*Teus cabelos cheirando a cerejeira,
Deságua no meu mundo teu amor.*

Exposto isto, temos então um romantismo que diverge um tanto da orientação de um Casimiro de Abreu ou de um Gonçalves Dias. Mas que muito aprendeu com os versos que um Álvares de Azevedo lhe dita, embora os *Poemas Proibidos* conheça com experiência a luxúria. Há na poesia de Alves Rosa uma porção de versos neuróticos (ver, por exemplo, as *Belas Letras*), às vezes devaneios mesmo. *Poemas Proibidos*, nessa ótica, é um amplo *corpus* para estudos psicanalíticos. *Parnaso do Inferno!* O Que é esse poema?! Um poema de complacência maldita, de romântico rebelde (e felizmente só o romântico rebelde encontra satisfeito, a Morte e o Amor) que não pode fazer seu coração obedecer todas as convenções. Então tratar-se de um amor maldito?! Decerto, e, creiamos, que também satânico. *Parnaso do Paraíso* também não sabe esconder as suas condições: *eu bem sei que estou morto, / mas nunca estive tão vivo* – grita o romântico iludido, desiludido, perdido. Vale a tinta transcrever os seguintes versos do primeiro *Parnaso*:

*Ardo como um enfermo do inferno,
Pois o paraíso a mim foi proibido.
Tenho febre como quem tomou veneno,
Mais veneno é meu último pedido.*

*A cólera está tomando o meu corpo,
Estou como quem está embebido.
Tenho febre como quem tomou veneno,
Mais veneno é meu último pedido.*

Há também entre os poemas que louvam a mulher amada, *Moça de olhos de estrela*, no qual o poeta confessa

(confissão talvez não de todo mentirosa, mas um naco baseada demais na inteligência do coração, que, aliás, não é muito de fiar) ser *hoje triste mais não*. E também se destaca o *Romance*, poema romântico por excelência, de uma condição ao encontro da Morte. E de novo o diabo do romantismo displicente, o devaneio trivial, a contradição um bocado ingênua e jovial, a miragem da qual o parvo coração é vítima:

*E a cidade que só rumoreja.
Os carros correm e eu corro.
Juliana, dos olhos de estrelas,
Sinto que longe de ti eu morro.*

Mas nem só de tolices românticas vive a atormentada Musa do Sr. Alves Rosa. Há também toda uma atmosfera rueira que se atenua em certos poemas (ler, por exemplo, *Canção da Cidade*). Provavelmente leitora de Augusto dos Anjos, Cesário Verde e Baudelaire, a Musa do poeta não poderia deixar de retratar o fumo industrial, o escarro, os bondes, os postes e o escuro. *Operária*, parece-nos um poema *perfect!*:

*Ela sempre se atrasa,
Está na hora do ponto
O amor em devaneio
É chama fumo e brasa
Depois do trabalho, o encontro.*

Vida moderna é outro dos poemas que retratam a escola da malandragem, da boêmia e da prostituição. Algo se move na poesia alves-rosiana. É certo que a Musa do Sr. Alves Rosa ainda está engatinhando rumo à pós-modernidade, pois ele se mostra alheio a ela. Mas engatinha, embora lhe venha à tona

algum espanto diante das novas práticas sociais. Mas quase pós-modernos, por exemplo, são os três jovens desse quarteto abaixo, de extrema violência e virilidade, quarteto, claro, não isento do tripé *amor-morte-loucura*, de versos imundos, e, portanto, crus, sinceros, gostosos de ler:

*No muro perto do morro:
Um rapaz bebe coca-cola
Um menino cheira cola
E outro leva um esporro.*

O cotidiano, entre *invadir suas vergonhas / com carícias noturnas* e *vamos fugir num cavalo de poesia* encontramos versos de igual poeticidade, que retratam com maestria um cotidiano simplório, possivelmente influenciado pela poesia de Bandeira ou Drummond. Versos desse rigor são os dos poemas *Manhã* e *Coisa*. Também drummondiano por excelência é o *Espelho*, talvez dos poemas dos *Poemas Proibidos*, o que mais encerra poesia, poesia aliada a um saudosismo que faz esvoaçar sobre a cabeça de menino uma infância-fantasma ainda a hesitar sobre a intrínseca maldição que traz em si, quase imperceptível ao romântico. Em *Espelho* lampeja a condição do poeta, pois conforme ensinou-nos Baudelaire, não é a poesia a infância reencontrada?

*No espelho falso da sala
Vejo o meu rosto refletido
E neste momento sem falas
Só uma fala é que fala comigo:*

*Vês o menino que um dia viveu?
Volto a ver o espelho e nada vejo,
Os meus olhos cansados não percebem
O que me parece quase imperceptível.*

*Vês o menino que um dia viveu?
A pergunta no ambiente volta soar.
Súbito então volto a olhar,
Este menino nunca morreu.*

Por ora, basta-nos dizer que é a poesia de Alves Rosa é uma poesia com grande tendência a lembrança de um Rimbaud ou um Baudelaire. Não parece que o poeta de *Poemas Proibidos* seja lá muito amigo da Musa de um Fernando Pessoa ou Whitman. Talvez, Drummond também o norteie. Gullar também é de se crer. Mas o poeta está descobrindo o quão bom é ser um *flâneur*, mas há de pisar o asfalto da rua sem náusea, mas com volúpia e vontade. E depois sentir-se em torpor, ver de olhos embaçados a Musa na esquina, vestida com aromas de gasolina e jasmim, embebida de alcalóides. Se bem que quando o propósito é um convite para o torpor, o poeta maior já apreendeu, tanto que provoca-nos, a poesia de:

São doze doses de um conhaque doce.

Anderson Proença de Andrade
Poeta e acadêmico de Letras
Centro Universitário Franciscano
25 de junho de 2011.

Primeiro Poema

Minha leitora, eu te leio
Cada pensamento a navegar.
Rasgo a folha, faço o enleio,
Uma noite negra, um branco luar.

Fui poisar em um doce seio,
Até um sorriso perceber,
Primavera de amor estes gorjeios,
Delícias de pernas, sonhos de prazer.

Aqui, por já, deixo este livro,
Se tiveres vergonha, vais refutar,
Mas bem-estar em estar vivo
Provoca o amor a quem sabe amar.

Luz Pálida

A luz treme
Sobre a mesa em que escrevo,
Sei somente que não sei,
E tudo que não sei
Não percebo.

A luz pálida
Sobre o teto que atinge.
Silêncio em minha câmara.
Romper de ruas
Que Finge.

A vela inda acesa,
Os livros nas estantes,
Quietos, me inquietam.
Um ranger de dentes,
Um falso espelho.

A fumaça sobe
Sobre as paredes
E os sonhos meus
Com cores se dissipam
E acordam o novo poema.

Canto da Caveira

Beba, ó poeta, nesta velha caveira
O vinho da vida, a luz da mente
Beba, porque já te espera o coveiro
Em noites de sonhos tão dementes.

Ama, ó poeta, e bebe novamente:
A vida, o vinho, a mulher amada
Que vos ama e sorri tão contente
Em noites de vertigens pranteadas.

E se um dia voltares a sofrer:
Do amor, da vida tão inconsequente
Beba, ó poeta, nesta velha caveira
Beba! Porque já te espera o coveiro.

Dança

Na dança da carne teu corpo repousa
Teu seio balança, como posta em chamas
Com cores de neves, em gesto que ousa,
Como branco momento que se inflama
Na dança da carne teu corpo repousa.

Na dança do coito teu corpo se agita
Anja que geme gozos sem guizos
Amante que em amarras sempre grita
Ao preferir a terra que o paraíso,
Na dança do coito teu corpo se agita.

Na dança do cú teu corpo balança
Deitada em um largo azul aveludado
Noite sem estrelas, apenas dança
Dana, dana, dana, dana, dança.
Na dança do cú teu corpo balança.

Poema Proibido

Nessas ruas cheirando a sarjeta,
Muitos amores eu já tive,
Todos errantes, todos dementes,
Todos os meus desejos eu contive.

Nessas ruas com cheiro de lama,
O amor eu vi corrompido,
Como fogo em brasa é chama
Eu vi as flechas quebradas de um cúpido.

Nessas ruas que nada se esconde,
Vi passar por ela a beleza,
Como cruza nas ruas o cortejo,
Bela nua, qual é tua tristeza?

Nessas ruas com todo perfume,
Tudo desperta meu temor,
Como a noite se abre em negrume,
Abre-se em perfume o fulgor.

Desejo

Quando minha pele toca tua pele quente,
Sinto no meu corpo um tremer leve,
Sinto como quase um desejo ardente
De um corpo que me parece breve.

Quando toco na tua boca sequiosa,
Sinto todos meus sentidos abertos,
Rodando em uma lira amorosa,
Com todos os prazeres libertos.

Quando toco tuas ancas ligeiras,
Nada no mundo me parece dissabor
Teus cabelos cheirando a cerejeira,
Deságua no meu mundo teu amor.